

1. APRESENTAÇÃO

A execução de um projeto experimental não tem início, como todos sabem, no oitavo e último semestre da faculdade. É um processo de maturação que culmina com a prática e a aplicação do conteúdo oferecido ao longo de todo o curso. *A Revista Rio Vermelho Em Pessoa* não foge do processo natural de criação de um Trabalho de Conclusão de Curso: segue, passo-a-passo, o processo construtivo, tendo como foco a aplicação do conteúdo que foi aprendido academicamente aliada ao prazer de fazer um produto que vá ao encontro do que é o desejo íntimo na futura atuação profissional. Sendo assim, a memória aqui apresentada, de caráter descritiva e analítica, remonta aos aspectos iniciais do meu relacionamento com a Faculdade de Comunicação da UFBA, à gradual apreensão dos conteúdos das disciplinas que puderam ajudar na concepção desta revista e ao caminho propriamente dito de feitura do produto.

A minha vontade de cursar jornalismo na Faculdade de Comunicação da UFBA sempre esteve alicerçada na relação visceral que mantive com a escrita – o hábito de escrever sempre foi uma prática diária e recorrente na minha vida estudantil. Desde os livros de poesias e redações confeccionados nos colégios por onde passei até os cadernos de pensamentos, rascunhos, contos, textos avulsos que cultivei como resultado da prática diária da escrita.

Ao entrar na Faculdade, o contato inicial que foi de primordial importância para a construção da minha relação direta com o texto jornalístico – antes o texto caminhava muito mais para o caráter lúdico, de prosa poética – foi a disciplina Oficina de Comunicação Escrita, à época ministrada pelo Professor Paulo Leandro, atual editor-chefe do caderno *A Tarde Esporte Clube*, do jornal *A Tarde*. Foi um momento de prática jornalística, com conhecimentos voltados para a construção do texto de ênfase informativa. É desta época,

primeiro semestre do ano de 2002, que guardo a lembrança de um termo utilizado por um colega de sala, referindo-se ao caráter chamativo que o texto jornalístico deve ter, logo no seu primeiro parágrafo: disse ele que a abertura de um texto jornalístico deveria sempre tentar convidar o leitor a ler a matéria. Era o “abre-convite”, termo que passou a ser utilizado inúmeras vezes nas aulas de Paulo Leandro.

Ali, nas aulas que aconteciam no primeiro andar da Faculdade de Comunicação, me familiarizei com o texto jornalístico, com as características que lhe são peculiares. Através das pequenas matérias que éramos obrigados a fazer relatando as palestras que nos eram oferecidas em sala, fui pegando a prática de “filtrar” as informações mais importantes das falas dos palestrantes e ali, na gênese do que seria a prática futura de sempre lidar com pessoas como fontes da informação, pensei a primeira vez que a entrevista era uma ótima forma de fazer jornalismo: dar espaço para as pessoas falarem, saber delas, suas histórias, retirar das palavras as imagens, escutar opiniões. De alguma forma, esse primeiro contato fomentou o interesse em trabalhar com a entrevista no momento final do meu curso.

Não muito depois, no segundo semestre, uma outra parte do ensino na faculdade teve importância fundamental na gênese do que seria a revista sobre a qual este memorial versa. A disciplina Comunicação Jornalística, ministrada pelo orientador deste projeto experimental, professor Maurício Tavares, tinha como uma das suas formas de avaliação a criação em grupo de um fanzine. De acordo com o dicionário on-line Wikipédia¹, tem-se por fanzine:

Fanzine é uma abreviação de fanatic magazine, mais propriamente da aglutinação da última sílaba da palavra magazine (revista) com a sílaba inicial de *fanatic*. Fanzine é, portanto, uma revista editada por um fan (fã, em português). Trata-se de uma publicação despreziosa, eventualmente sofisticada no aspecto gráfico, dependendo do poder econômico do respectivo editor (faneditor). Na sua maioria é livre de preconceitos, e engloba todo o tipo de temas, com especial incidência em histórias em quadrinhos (banda desenhada), ficção científica, poesia, música, feminismo, vegetarianismo, veganismo, cinema, jogos de computador e vídeo-games, em padrões experimentais.

¹ Definição segundo o dicionário *on-line* Wikipédia, disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fanzine>.

O nome do fanzine do qual eu fazia parte, junto com dois outros colegas, era o *Buraco da Poupança*. Como a própria definição de fanzine supracitada descreve, este produto era uma publicação despreziosa, composta por contos, pequenas matérias, entrevistas, fotografias, variedades. Mas o que retiro de mais importante na feitura dessa, digamos, pequena revista, é a experiência na elaboração de um produto próprio, um embrião, ainda que distante, da *Revista Rio Vermelho Em Pessoa*.

Foi com o *Buraco da Poupança* que tive o primeiro contato direto com a arrumação de uma revista, ainda que de forma rudimentar. Organizar os textos, diagramá-los, editá-los pra ocupar o espaço pretendido nas pequenas páginas do fanzine, entre outras atividades que envolvem a produção de uma pequena revista, sem muita pretensão, vale dizer. Além disso, ainda seguindo com a intenção de participar da produção de fanzines, participei, na Facom, da Oficina de Fanzines – I Encontro de Fanzines e Outras Mídias Independentes, promovido pelo Departamento de Comunicação da faculdade, dentro do II Artecom.

Desta forma, as duas ocorrências que citei – o contato inicial com a entrevista e com a rotina produtiva de uma pequena revista – foram importantes para o embrião do futuro trabalho de conclusão de curso. Porém, algumas reviravoltas ainda aconteceriam no campo da escolha pelo formato e tema que seria objeto de estudo do meu TCC.

Por conta da ligação estreita e prazerosa que sempre tive com a literatura, durante o curso de jornalismo na faculdade pensei em formas de aplicar esta paixão ao jornalismo. E foi nesse ínterim que optei, ao chegar no momento decisivo de escolher o objeto de estudo que pretendia estudar na disciplina Elaboração de Projeto em Comunicação – uma das disciplinas que compõem o trio necessário do projeto de finalização de curso – por trabalhar com a análise do discurso em cima de dois livros pelos quais havia me apaixonado recentemente. Eram eles: *Cartas a Théo*, de Vincent Van Gogh e *Cartas a um jovem poeta*, de Rainer Maria Rilke. Assim, a finalização da disciplina Elaboração de Projeto em Comunicação, ministrada

pela professora Carmen Jacob, foi com um projeto sobre análise do discurso em cima das cartas desses grandes nomes da arte mundial. Porém um grande acontecimento pessoal me fez separar um pouco deste projeto, qual seja: uma viagem de intercâmbio para a cidade de Braga, em Portugal, no segundo semestre de 2005, proporcionada pelo convênio da UFBA com a Universidade do Minho.

Em tese, deveria eu aprofundar o projeto numa disciplina que se assemelhasse à disciplina Desenvolvimento Orientado de Projeto da Facom. Mas dificuldades várias não permitiram que isso acontecesse. Dentre elas o conteúdo programático da disciplina que mais se assemelhava à que eu deveria cursar no Brasil não apresentava grandes possibilidades de sustentar as minhas pesquisas, afinal, se tratava de um outro país, outras formas de construir os trabalhos de conclusão de curso, outras linhas de pesquisa. Enfim, me afastei um pouco das cartas e da análise do discurso e, quando retornei, tive que cursar a disciplina Desenvolvimento Orientado de Projeto porque as bases concretas para a construção de um TCC não aconteceram.

A essa altura, já estava eu mais afastado dos livros e da idéia de fazer uma monografia. É nesta hora que as entrevistas e a dinâmica prática de fazer um fanzine voltam à tona. Porém de uma forma mais elaborada: decidi fazer um livro-reportagem sobre o Rio Vermelho e, mais tarde, ficando o objeto mais restrito, uma revista especial composta por entrevistas com personagens do bairro ficara mais apropriada.

Uma série de entrevistas com pessoas que moram no bairro do Rio Vermelho ou que têm ligação íntima com ele é o mote da revista sobre a qual versa este memorial. As características especiais que o Rio Vermelho tem se devem muito aos personagens que nele vivem e que são parte da história: a carregam nas palavras e memórias das mudanças, acontecimentos, vivências, manifestações. Mesclando a minha relação sempre forte e lúdica com o bairro nas andanças inúmeras que faço por ali, a vontade de ter a entrevista como mote

para exercitar a prática jornalística e de relação humana, o formato revista como possibilitador da reunião de forma especial de um tema específico e a conhecida fama do Rio Vermelho como um bairro “diferente”, aglutinador de cultura, e fomentador de personagens únicas, decidi me ater a esses vieses para a feitura do meu Trabalho de Conclusão de Curso, que está mais detalhado nas palavras que se seguem.

2. O PRODUTO

2.1 O TEMA

O Rio Vermelho é um bairro único. É notadamente reconhecido dentro da cidade de Salvador como um local de entretenimento, cultura, intelectualidade, de boemia constante e variada, e é o palco de uma das maiores festas populares da cidade: a Festa de Iemanjá. Mas como surge o Rio Vermelho? Por que escolhê-lo como matéria-prima do conteúdo da revista? Para se ter uma idéia da importância do Rio Vermelho na cidade, destaco os subtítulos do livro *Rio Vermelho*, de Ubaldo Marques Porto Filho:

Terra dos Tupinambás
Abrigo do Caramuru
Porto dos pescadores
Arrabalde dos veranistas

Freguesia de Sant'ana
Morada de Yemanjá
Rincão dos imigrantes
Bairro dos artistas

Pouso de João Ubaldo Ribeiro
Mário Cravo e Sérgio Matos
Caymmi e Ruy Espinheira Filho
Carybé e Cid Teixeira

Berço de Carlos Bastos
Casa de Zélia e Jorge Amado
Reduto de Rômulo e Floriano
Recanto de Jamison e Jenner

Fonte de histórica e cultura
Ninho de atletas e boêmios
Palco de festas e serestas
Paixão morena de Fahel

O Rio Vermelho tem esse jeito, esse mosaico de coisas importantes. E sua história, desde o início, é de brilho. Ela começa antes da fundação da cidade de Salvador, no século XVI, com a chegada do navegador português Diogo Álvares Corrêa, depois de um naufrágio, apelidado pelos índios de Caramuru. A origem do apelido tem explicações distintas:

Após o naufrágio, ocorrido entre 1509 e 1511, o jovem português buscou abrigo na Pedra da Concha, um rochedo na praia da Mariquita, sendo então descoberto pelos indígenas que o cognominaram de 'Caramuru', nome de uma espécie de peixe do mar. Esta é a tese defendida pelo historiador baiano Luiz Henrique Dias Tavares, que refuta a versão que dá como origem do apelido ao célebre episódio do tiro. Conforme atestam muitos outros historiadores, com uma espingarda salva do naufrágio, Diogo teria desferido um certo tiro numa ave que voava à vista dos Tupinambás. Estes, amedrontados, começaram a gritar: 'Caramuru! Caramuru!', que na língua tupi significa 'homem do fogo; filho do trovão; dragão saindo do mar'. Desta maneira o náufrago teria salvado a sua vida e obtido o respeito dos índios, aos quais, em sinal de obediência, ofereceram-lhe suas filhas (FILHO, Ubaldo Marques Porto; 1991)

Depois de conseguir se salvar, Diogo Álvares se tornou o elo entre nativos e europeus.

O português ajudou o primeiro governador-geral do Brasil, Thomé de Souza, a fundar a cidade de Salvador, no dia 29 de março de 1549. O governador também doou as terras em volta do Rio Camorujipe, onde veio a surgir o povoado que deu origem ao Rio Vermelho. Inicialmente com poucos habitantes, o local virou, em princípio, uma paisagem de currais, aração de pescas e jesuítas. A área passou a ficar mais povoada quando da invasão holandesa em 1624: por conta da sua distância do local invadido os moradores de Salvador fugiam para lá. Desse período até meados de XIX o Rio Vermelho manteve três núcleos de povoamento definidos: Paciência, Mariquita e Sant'ana. Nos anos entre 1880 e 1930, o bairro se transformou, de local com águas salgadas que curavam doenças, em espaço de veraneio para muitas famílias ricas. O povoamento, então, estava já em curso avançado.

Hoje, o Rio Vermelho é conhecido pelas suas noites boêmias, espaços culturais, restaurantes, bares, pela Festa de Iemanjá e, claro, pelos personagens que nele viveram e ainda vivem. Porém não só de famosos o bairro é povoado. Apesar de ter recebido o Caramuru antes mesmo da cidade ser fundada e ter como moradora a famosa índia Catharina Paraguassu, o Rio Vermelho tem moradores e pessoas que se relacionam com o bairro que não são famosas, mas que não são menos importantes como patrimônio intelectual para a localidade. São anônimos historicamente, mas carregam nas suas vidas boa parte das informações e vivências relacionadas ao bairro ou o pensam de forma diferente.

Importante também para voltar a produção do meu TCC para a realidade de um bairro foi o estágio que consegui no Portal Imbuí, *site* de cunho comunitário com foco nas realizações da comunidade e seus acontecimentos. O Portal, concebido como veículo que expressa a voz da população do bairro do Imbuí, ganhou corpo e já publicou mais de 3 mil notícias voltadas para a realidade do bairro e de outras localidades vizinhas em quase cinco anos de existência. Trabalhar como produtor, redator, repórter, revisor, fotógrafo, entre outras funções, sempre em contato com os personagens que fazem e são notícia no bairro me fez perceber que as pessoas são as mais importantes fontes da história de uma localidade e que, acima de tudo, suas vivências e formas de se relacionarem com o local onde vivem são a máquina propulsora de crescimento da intelectual da população.

Por ter uma história riquíssima, o Rio Vermelho sempre me encantou. Desde quando comecei a freqüentar sua noite, seu cotidiano, suas manifestações – a Feira das Artes, por exemplo, que acontece mensalmente e reúne artistas, vivências culturais, venda de obras e produção artística e o Beatles Social Club, clube de fãs do grupo inglês que foi criado pelo dono da pizzaria CIA da Pizza, que fica no Centro do bairro, e promove diversos shows com bandas que tocam músicas do grupo – percebi que fervilhava um sentimento que era compartilhado por muitas pessoas que ali vivem: um sentimento de pertença, de moradia eterna, de amor. Muito desse clima de apego ao bairro contagiou famosas personalidades do meio baiano que se apaixonaram pelo chamado “bairro dos artistas”. A lista é longa, indo da literatura às artes plásticas: de Jorge Amado e Zélia Gattai, passando por Caetano Veloso, Maria Bethânia, Dorival Caymmi, e chegando em Carybé e Mário Cravo, todos moraram no bairro. Os dois primeiros tiveram sua casa, na Rua Alagoinhas, transformada em museu. Já Caymmi é autor de uma das mais famosas músicas relacionadas à Festa de Iemanjá. Qual seja:

Dia dois
De fevereiro

Dia de festa no mar
Eu quero ser o primeiro
Pra saudar Iemanjá
Escrevi um bilhete a ela
Pedindo a ela pra me ajudar
Ela então me respondeu
Que eu tivesse paciência de esperar
O presente que eu mandei p'ra ela
De cravos e rosas, vingou
Chegou! Chegou! Chegou!
Afim que o dia dela chegou.

Os artistas, famosos e intelectuais que tinham relação com bairro, porém, podem ser objeto de análise e estudo em outra ocasião porque o meu olhar se voltou para os personagens mais anônimos que abrilhantam o Rio Vermelho e são parte importante da história do bairro. E a escolha deste viés de investigação, através da entrevista com pessoas anônimas, originou-se a partir do convívio com a rotina da localidade e da observação dos pontos que são importantes na história do bairro. Tentei fugir dos cânones, mesmo não deixando de fora da revista os assuntos a eles relacionados, notadamente a boemia (demonstrada com a poesia de um amigo) e as baianas de acarajé (pequena crônica sobre a importância delas, da autoria de outro amigo). Com isso busquei dar um outro olhar para o Rio Vermelho, contemplando pontos importantes como o Mercado do Peixe, a Paróquia de Nossa Senhora de Sant'ana, o terceiro setor que atua no bairro através da ONG Paciência Viva, o vendedor ambulante conhecido por todos, o Portal Rio Vermelho, a colônia de pescadores, a capela de Santa Bárbara e o morador comum que tem relação de amor com o local onde vive. Esse seria o espelho de um Rio Vermelho que é “fora do circuito oficial”, que não é tanto pra “turista ver”.

A chegada até o tema está, então, aqui retratada. Resume-se em ter contato com a história do Rio Vermelho, saber dos principais pontos que fazem a sua fama, reconhecer as características inatas do bairro e observar, com olhos diferentes, os personagens que compõem a sua natureza não tanto turística e sim mais propriamente popular.

2.2 O FORMATO

A escolha do formato revista para a execução deste Projeto Experimental seguiu um caminho que foi explicitado na apresentação deste memorial. No princípio, a forma por mim escolhida para a finalização do curso era uma monografia, com base na análise do discurso de dois livros de cartas. Porém houve uma reviravolta na minha vida depois de uma viagem de intercâmbio para Portugal através de convênio da UFBA com a Universidade do Minho.

Afastei-me do tema e voltei a considerar a execução de um projeto prático, levando em conta os contatos que tive com a forma de fazer jornalismo a partir das entrevistas que acompanhei durante a curso na faculdade, a prática de lidar diariamente com personagens do bairro do Imbuí no estágio que fiz durante mais de um ano no Portal Imbuí (*site* comunitário voltado para a realidade da comunidade do bairro), e o prazer que remontava a criação do fanzine do qual fiz parte em uma disciplina cursada na faculdade. Porém, um simples fanzine não era o produto mais adequado para um projeto experimental de conclusão de curso, ainda que experimentalismo seja a tônica de todo produto dessa natureza. Decidi procurar uma forma maior, mais densa, mas que pudesse manter a espontaneidade de um fanzine.

O formato revista de veículo de comunicação sempre chamou a minha atenção por burilar um pouco mais as informações das matérias e por ter um aspecto mais limpo e completo do que um jornal diário. Além disso, as imagens no papel da revista aprazem muito mais do que as imagens de jornais. Sempre gostei dos especiais que as principais revistas do mercado lançam. Da revista *Caros Amigos*, por exemplo, tenho especiais sobre Santos Dumont, Che Guevara, entre outros. E a idéia de um tema ser destrinchado em pormenores dentro de uma revista sempre me apeteceu. E foi dessa vontade íntima que se foi burilando dentro de mim a necessidade de trabalhar neste sentido com relação ao meu TCC. Uniram-se a vontade de fazer uma revista especial, o contato com os fanzines, mas principalmente a

concepção de entrevistas como base do conteúdo da revista. Porém um conceito de entrevista para além da simples coleta de dados, levando em conta, acima de tudo, a dimensão humana que este recurso técnico traz. É o que ressalta Cremilda de Araújo Medina:

A entrevista pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica. Esta – fria nas relações entrevistado-entrevistador – não atinge os limites possíveis da inter-relação, ou, em outras palavras, do diálogo. (MEDINA, Cremilda de Araújo; 2004)

Sendo assim, quando me posicionei diante da idéia de encarar a entrevista como base do conteúdo da revista, preparei-me para ir além das simples perguntas direcionadas: o que valia ali, naquele momento era a interação com o entrevistado, o diálogo que ultrapassasse as palavras, afinal a pessoa à minha frente deveria se sentir à vontade para tratar com um estranho já que o fim mesmo da entrevista é o inter-relacionamento humano. Busquei em todas as entrevistas fazer o que Medina chama de “toques mágicos do entrevistador” (Medina, página 30): uma sensibilidade diferenciada que se manifesta através do gesto, do olhar, da atitude corporal – por exemplo puxar um assunto que não tem a ver com que de fato será tratado na entrevista mas que deixa o entrevistado mais à vontade para falar; transpor situações imprevisíveis, como driblar a cobrança de dinheiro para fornecer a entrevista, fato que aconteceu com o entrevistado Carlos Alberto que queria R\$ 100,00 para poder falar comigo e, ao final de tudo, pediu para eu voltasse outras vezes para conversarmos, sem ter me cobrado um único real pela entrevista concedida; essas e outras atitudes importantes no ato de entrevistar foram levadas em conta em todos os encontros sabendo que o objetivo maior sempre era o diálogo.

2.3 PROCEDIMENTOS

A feitura, de fato, da *Revista Rio Vermelho Em Pessoa* foi a parte mais prazerosa do Projeto Experimental pelo qual optei. Foi a vivência mais direta com a prática de um jornalismo que dá espaço para a vertente mais humana, de relação mais íntima com as fontes, com a possibilidade de interação profunda, livre, democrática. A entrevista propicia tudo isso, além de me fazer sentir parte de uma realidade pela qual tenho profunda admiração.

Tudo começa com a escolha do tema e, a partir dele, a ida a campo para concretizar os passos delineados para o conteúdo da revista. A delimitação do tema foi construída com base na vivência direta com o bairro. Primeiramente, uma lida cuidadosa no livro *Rio Vermelho*, de autoria de Ubaldo Marques Porto Filho, que conta primorosa e detalhadamente toda a história do bairro, com as particularidades que fazem dele um local ímpar na história da cidade de Salvador. Depois disso, veio a primeira dificuldade: quem entrevistar num universo de tantas personagens marcantes, conhecidas, famosas? Aqui, a opção mais importante do trabalho se fez: a escolha por personagens que são anônimas, mas não por isso menos importantes. Busquei a maior variedade possível de temáticas que fizesse um retrato do bairro por um viés que não o que todo mundo já conhece: boemia e baianas de acarajé. Decidi manter somente a colônia de pescadores por conta do entrevistado, Seu Eulírio, presidente da colônia e figura única, com muitas histórias.

O resultado disso foi um leque variado de entrevistas, com pessoas totalmente distintas, que atuam em segmentos muito diversificados e que em comum têm a relação com o bairro, seja na forma de trabalho, de moradia, de fé ou de festa.

Depois de delineados os pontos de enfoque das entrevistas, o próximo passo era ir, de fato, a campo. Gravador em mãos, algumas dificuldades se impuseram. A primeira delas foi encontrar os entrevistados nos seus devidos “postos”. Tentativas vãs de pré-agendar os encontros foram comuns. A melhor iniciativa foi de fato procurar ficar por dentro dos horários dos entrevistados e chegar quase que de surpresa em alguns casos. Para entrevistar o Padre

Ângelo, da paróquia de Sant'ana, por exemplo, tive que ir ao seu encontro no horário em que atendia seus fiéis na pequena sala que tem na igreja. Para entrevistar o Irmão do Queijo, vendedor ambulante de queijo coalho assado, tive que encontrá-lo numa das noites do Rio Vermelho e esperar as idas e vindas das mesas das pessoas que atendia. Dona Gildete, responsável pela capela de Santa Bárbara, eu tive que esperar um dia de quarta-feira para que ela pudesse abrir a capela que só abre nos dias da santa, ou seja, quarta e sábado. Mas, no final, todos foram entrevistados de acordo com o previsto e pautado.

O mais interessante do processo de entrevistas foi a espontaneidade que os entrevistados tiveram para falar sobre suas vidas e sobre sua relação com o bairro. Tentei, desde a primeira entrevista, com Mery Bahia, responsável pelo Portal Rio Vermelho, deixar todos os entrevistados bem à vontade para falar quanto e como quisessem, dando ênfase à oralidade de cada um. Depois, com a edição dos textos durante a transcrição das entrevistas, colocava em evidência o que era de mais importante do depoimento de cada um. Para contextualizar cada entrevistado, todas as entrevistas são precedidas por um texto introdutório que situa o ambiente onde o relato foi tomado e outras coisas que dão às conversas um pouco mais de “cor local”.

Outra parte importante dos procedimentos adotados para a construção da revista foi a das imagens. Eu mesmo fotografei boa parte delas, mas tive contribuições importantíssimas de amigos que me cederam imagens por eles tiradas e tive ainda a Internet como fonte de algumas delas, com a permissão dos seus autores. Completando o conteúdo da revista, algumas pessoas colaboraram com crônicas e poesias sobre temas ligados ao bairro, como a boemia e as baianas de acarajé.

Pra finalizar os procedimentos, ficava faltando apenas a diagramação e layout da revista. Como não tinha a técnica necessária para tal e não dominava as ferramentas necessárias, precisei da ajuda de uma *web-designer* para tal atividade. Acompanhei de perto

toda a produção desta parte, inclusive com a feitura de um rascunho indicando ordem das entrevistas e posicionamento das fotografias.

2.4 OS ENTREVISTADOS

Por serem a parte mais importante de toda a revista, creio que uma descrição detalhada de todos os entrevistados seja importante para a completude deste memorial. Como cada entrevista na revista é composta por um texto apresentativo de cada entrevistado, acho que a reprodução de cada um deles aqui esclarecerá em muito o ambiente e o contexto de cada um deles no bairro. Ao todo foram oito personagens, dos mais diversos segmentos do bairro. São eles, por ordem cronológica de entrevista:

Mery Bahia – Formada em jornalismo pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia em 1986, trabalhou em diversos jornais, em TV e assessorias na cidade de Salvador. Atualmente é diretora do Sindicato dos Jornalistas da Bahia e a responsável e fundadora do Portal Rio Vermelho (www.portalriovermelho.com.br), *site* noticioso e histórico com conteúdo voltado para a realidade do bairro.

O bairro do Rio Vermelho, antes de desembocar no Largo da Mariquita, Praia da Paciência e Pedra da Sereia, rumo a Ondina, passa em frente, bem em frente, à janela de Mery Bahia. O apartamento 102, de três cômodos, no prédio de número 408 e de nome Alfa, tem uma abertura para a Rua Osvaldo Cruz, que, fazendo uma paralela com a Rua Odilon Santos, corta o bairro de uma ponta a outra, carregando encravados nas suas margens prédios, estabelecimentos comerciais, casas, pequenas outras ruas e histórias. “Aqui vejo o Rio Vermelho passar”, adianta Mery. E passa mesmo: milhares de carros diariamente zumbem seus motores ruas adentro. É ali, no quarto-da-janela-que-olha-o-rio-vermelho que hoje está o núcleo do Portal Rio Vermelho: endereço na internet voltado para produção de conteúdo jornalístico e histórico voltado para a comunidade do bairro. Fundadora do Portal, Mery

Bahia, jornalista e atual diretora do sindicato da categoria, falou da iniciativa de criar um site voltado para a região onde mora e da sua relação com o local.

José Batista da Silva – Mesmo não sendo morador do bairro Seu Zé, 62 anos, tem uma relação íntima com o local por fazer parte do Mercado do Peixe há trinta anos. Lá fica o seu bar, o Bom Apetite. Já fazia parte do mercado antigo, o que ficava no Largo da Mariquita.

O Mercado do Peixe é uma construção térrea à beira-mar, em frente ao Largo da Mariquita. 30 boxes compõem o espaço: uns voltados para o mar e outros voltados para a ladeira que leva até o Blue Tree Towers, conhecido hotel do bairro do Rio Vermelho. Nunca dorme. Funciona 24 horas por dia, mesmo não tendo placa que indique isso. É lá, no box 11, no “Bom Apetite”, que trabalha José Batista da Silva. 62 anos, trinta dos quais dedicados ao Mercado, convivendo com as mudanças radicais do bairro. Faz questão de dizer que tirou dali o sustento que resultou em dois filhos casados com a vida “endireitada” e duas netinhas. Como conseguiu?

Maria Gildete Silva Santos – Não só Iemanjá e Senhora Sant’ana têm moradas no Rio Vermelho. Santa Bárbara também tem. É a capelinha de Santa Bárbara que fica detrás do Mercado do Peixe e há vinte anos tem Dona Gildete como guardiã.

Duas amendoeiras enormes dão sombra à capela de Santa Bárbara atrás do Mercado do Peixe. Nos galhos, as bandeirolas, de um vermelho quase esquecido, são as sobras da decoração feita no último 4 de dezembro. A guardiã da capela, Dona Maria Gildete Silva Santos, 67 anos, há 20 por ali, tem na cabeça um lenço vermelho debaixo de um outro lenço branco. Perto da casinha de 2x2 metros o cheiro de incenso exala. O vermelho é preponderante. Na imagem de Santa Bárbara, guias do candomblé penduradas – sincretismo. Santa Bárbara é Iansã.

Cláudio Deiró – É diretor da ONG Paciência Viva, que atua no Rio Vermelho e tem três projetos principais: o Ação Reciclar, de beneficiamento de resíduos sólidos; o Imagem Viva, que forma pessoas carentes em edição de vídeo e o programa Futebol Cidadania Viva que através da prática do futebol de areia busca conscientizar os jovens da importância de preservar a Praia da Paciência e outras praias, além de formar grandes atletas.

A Travessa Prudente de Moraes é uma pequena ladeira. Liga o início da Avenida Cardeal da Silva, pra quem pretende sair do Rio Vermelho, ao final da curva da Paciência. Lá embaixo, cerca de 100 passos de distância – o mar. Soberano. Cá em cima, o número 65 da travessa é um portão de ferro grande. Sem pintura. Antes da porta de vidro que abre lateralmente e dá acesso à sede da Organização Não-governamental Paciência Viva, os visitantes têm que cruzar um vão apertado pelas muitas sacolas com garrafas plásticas e papelão. É o aviso: aqui se recicla: plástico, papelão e sonhos. Um visitante na recepção oferece curso de cuidados com doenças transmitidas por animais. Cláudio Deiró sai de dentro de uma sala, o recebe. “Vamos agendar um dia e uma hora para que o senhor mostre o vídeo que tem e as informações também. Quanto mais conhecimento para os agentes, melhor”. Os agentes cuidam da coleta seletiva. Deiró vira-se. “E aí? Vamos bater esse papo?”. A sala é no andar de cima, com fotografias artísticas diversas coladas nas paredes, um mosaico num fundo verde. Puxo uma cadeira. Reciclada.

Eulíro Menezes – Com oitenta anos, seu Eulíro ainda tem fôlego para exercer a função de presidente da colônia de pescadores do Rio Vermelho. Há trinta anos mora no Nordeste de Amaralina e mantém uma relação íntima com o mar do Rio Vermelho e a Festa de Iemanjá.

A sala de Eulíro Menezes fica ao lado do quartinho de Iemanjá na Colônia de Pescadores Z-1. Por detrás da mesa onde senta, uma janela faz moldura para a vista exuberante da praia que encaminha, todos os anos, os presentes para a protetora dos pescadores, a mãe d’água, Janaína. Seu Eulíro, como costuma ser chamado, tem 80 anos. Entre idas e vindas, tem mais de três décadas em contato com a vida da colônia. Um poço de histórias. Faz questão de dizer que, mesmo sem ter completado o ginásio, deu aula na Capitania dos Portos. Mostra a lista: primeiros socorros, sobrevivência do naufrago; regras e manobras; luzes e sinais sonoros; noções básicas de navegação; noções básicas de estabilidade; prevenção da poluição do meio aquático e medidas preventivas em operações com motor. Além disso, guarda com carinho um autógrafa do rei Roberto Carlos.

Marcelo Rocha – com 40 anos de idade e mais de 20 envolvidos com o Rio Vermelho, Marcelo é um verdadeiro amante do bairro onde vive. Já morou em nove endereços diferentes dentro do bairro e tem uma visão singular sobre o crescimento desordenado do local.

“Vai ser difícil entrevistar Marcelo porque ele é um cara que fala pouco, tímido”, alguém da mesa fala antes da entrevista começar. Ironia, pura ironia. Quem conhece Marcelo Rocha, morador do Rio Vermelho há mais de 20 anos, sabe muito bem que falar não é um problema que o aflige. Professor de história, conhecido de todas as figuras marcantes do Rio Vermelho, Marcelo Rocha tem um caso de amor com o bairro e não se furta a falar sobre isso. Numa mesa de bar, na praça Brigadeira Faria Lima, cercado por amigos, concedeu esta entrevista. Poucas perguntas, mas respostas completas, históricas, com uma visão singular do bairro. Singular como a vida nômade que já levou dentro do Rio Vermelho, nos nove endereços diferentes onde morou, todos no bairro. Hoje o seu pouso é na Rua do Meio, espinha dorsal da região, entre as duas principais vias, a Rua Odilon Santos e a Rua Osvaldo Cruz.

Padre Ângelo Lopes – nascido em 9 de 1952, o padre tem quase 25 anos de dedicação à paróquia da padroeira do Rio Vermelho e aos fiéis que o procuram. Figura carismática, diz que “a única coisa que não enferruja na igreja é o pároco”.

A Igreja de Sant’ana do Rio Vermelho tem um privilégio que poucas outras têm: fica localizada à beira-mar. À frente à casa de show Idearium, do lado esquerdo a colônia de pescadores e do direito, um pouco mais adiante, o Teatro Sesi. Atrás, o imenso tapete azul-esverdeado. Está ali, incrustada num pequeno espaço de terra que avança para o oceano, desde abril de 1913. Quase centenária. Padre Ângelo, titular da paróquia de Sant’ana, faz parte de mais de um quarto dessa história – nos 25 anos que ali está, começou estudos, se ordenou padre e ali permanece. Com a voz doce, calma, me recebeu no local onde recebe os fiéis. Há espera. Todos querem uma palavra do Padre, que não se furta. A salinha é confortável, duas poltronas, com estampa colorida, uma de frente pra outra.

Carlos Alberto, o “Irmão do Queijo” – figura de vestimenta inconfundível e conhecido por muitos moradores e visitantes dos bares do Rio Vermelho, o Irmão do Queijo tem uma vida noturna: começa a vender seu queijinho a partir das 19:00h e só acaba com o raiar do dia, nas proximidades do Mercado do Peixe. Há 20 anos segue essa rotina.

Ele não revela, sob hipótese alguma, quantos queijos vende por noite. “Se você me perguntar isso de novo a gente vai brigar”. O contato inicial foi complicado. Uma espécie de amargura foi revelada logo na primeira fala: “Pra dar entrevista pra você cobro 100 reais”. Era uma

autodefesa. Ele explica: muitas pessoas já o tinham procurado pra dar entrevistas, tirar fotografias, mas nenhum retorno. “Por que não arranjam um emprego pra mim?” Figura excêntrica, o Irmão do Queijo, como é conhecido por moradores e visitantes do Rio Vermelho, é inconfundível: com suspensório laranja, gravata, camisa social, bota, óculos de aro dourado, Carlos Alberto carrega o queijo coalho num palito, vendido a R\$ 3,00. Com “orega” e mel, como o próprio costuma dizer. No final das contas, a entrevista vingou em troca de um queijinho.

3. CONCLUSÃO

Todo o percurso por mim percorrido até a finalização da *Revista Rio Vermelho Em Pessoa* me proporcionaram um crescimento profissional e pessoal imensurável. Cada entrevista acrescentou uma forma diferente de encarar as relações pessoais, cada qual com sua particularidade, além é claro de me colocar em contato direto e contínuo com o fazer jornalístico.

As etapas de execução deste Projeto Experimental acrescentaram um conhecimento imenso para a minha vida profissional. Pude colocar em prática alguns dos conteúdos acadêmicos com os quais tive contato na Faculdade de Comunicação da UFBA e presenciar algumas dificuldades que a falta de prática que o curso causa, como por exemplo a questão da completa inaptidão minha no que se refere a diagramar minimamente uma revista. Creio que a grade de disciplinas da Facom deve ser modificada continuamente para acrescentar as necessidades que o mercado pede e que um profissional de jornalismo não pode deixar de obter. Não que precisemos nós, jornalistas, sermos *designers*, já que há hoje esta profissão específica. Mas conhecer minimamente as ferramentas facilita a projeção de idéias, otimiza o trabalho e capacita o profissional para um mercado cada vez mais competitivo.

Creio ter sido muito feliz a escolha do tema e produto que escolhi para ser meu trabalho de conclusão de curso, pois os executei de forma prazerosa e com um aprendizado contínuo, tanto com base na experiência e prática adquiridas a cada entrevista, como também na própria relação humana com cada pessoa que entrevistei, além, é claro, de todos aqueles que ajudaram, direta ou indiretamente, na confecção e realização deste sonho que é concluir um curso superior.

4. REFERÊNCIAS

ALTMAN, Fábio (Org). LOREDANO, Cássio (des.). *A arte da entrevista*. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2004.

FILHO, Ubaldo Marques Porto. *Academia dos Imortais do Rio Vermelho*. Disponível em <www.acirv.org.br>. Acesso em 10 mai. 2007.

_____, Ubaldo Marques Porto. *Rio Vermelho*. Salvador: Associação dos Moradores do Rio Vermelho, 1991.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista – O diálogo possível*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2004.

WIKIPÉDIA, *Dicionário on-line*. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Fanzine>>. Acesso em 13 mai. 2007.